



ADOLESCÊNCIA: IDENTIDADE E SOFRIMENTO NA CLÍNICA SOCIAL

ISBN 978-85-86736

LEILA SALOMÃO DE LA PLATA CURY TARDIVO
TÂNIA MARIA JOSÉ AIELLO VAISBERG
(Organizadoras)

apoio



**LEILA SALOMÃO DE LA PLATA CURY TARDIVO E
TÂNIA MARIA JOSÉ AIELLO VAISBERG**

**ANAIS DA XI JORNADA APOIAR-
ADOLESCÊNCIA: IDENTIDADE E
SOFRIMENTO NA CLÍNICA SOCIAL**

REALIZAÇÃO

PRÓ REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO

UNIVERSITÁRIA DA USP

INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA USP

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA

**LABORATÓRIO DE SAÚDE MENTAL E PSICOLOGIA
CLÍNICA SOCIAL**

APOIO:

FAPESP

VETOR EDITORA PSICOPEDAGÓGICA

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Jornada APOIAR (11.: 2013: São Paulo)

Anais da XI JORNADA APOIAR: ADOLESCÊNCIA: IDENTIDADE E SOFRIMENTO NA CLÍNICA SOCIAL realizada em 22 de novembro de 2013 em São Paulo, SP, Brasil / organizado por Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo. Tania Maria José Aiello Vaisberg - São Paulo : IP/USP, 2013.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-86736-56-8

1. Psicologia clínica 2. Identidade 3. Adolescência 4. Clínica I.

Título.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-86736-56-8



RC467

**LEAL A SI MESMO:
UM DIÁLOGO COM O FILME ‘MEU TIO MATOU UM CARA’**

Andrea de Arruda Botelho-Borges

Tomiris Forner Barcelos

Tânia Maria José Aiello-Vaisberg

RESUMO

Este artigo tem por objetivo investigar psicanaliticamente o imaginário coletivo – expresso numa produção cultural cinematográfica – sobre a experiência emocional vivida por adolescentes diante do desafio da descoberta pessoal. Inúmeros conflitos permeiam a opção por determinadas condutas, como a de ser leal ou desleal, tanto a fatos narrados, como a outras pessoas e a si mesmo. A pesquisa se justifica pelo sofrimento emocional que caracteriza a adolescência, em nossa sociedade contemporânea, e pela importância que o sentimento de autenticidade assume, ao longo do desenvolvimento emocional, para a saúde psíquica. Metodologicamente, o trabalho organiza-se como estudo de caso, por meio da abordagem psicanalítica, afinada à Psicologia Concreta defendida por Politzer e Bleger, do filme brasileiro *Meu tio matou um cara*. Realizados em estado de atenção flutuante e de abertura a impactos contratransferenciais, os procedimentos investigativos consistiram em: seleção do filme, exposição a ele, elaboração de uma narrativa transferencial e produção interpretativa de um campo de sentido afetivo-emocional ou inconsciente relativo, denominado “Leal a si mesmo”. O diálogo com esse campo, em interlocução com o pensamento winnicottiano, aponta no sentido de um imaginário sobre o adolescente como alguém que se depara com o mentir em diferentes situações e vai construindo valores, a partir das experiências vividas em seu universo familiar e social – experiências que o convidam a refletir e decidir que adulto quer ser, ponderando sobre os contextos em que, para ser leal a si mesmo e aos amigos, é necessário ocultar uma verdade.

Palavras-chave: adolescência, mentira, psicanálise, cinema brasileiro, Winnicott

INTRODUÇÃO

Temos partido, em nossos trabalhos, de uma perspectiva que compreende o amadurecimento emocional do ser humano como intrinsecamente ligado ao ambiente vivido (WINNICOTT, 1945; BLEGER, 1963). A produção de estudos que visam compreender os jovens e o ambiente de que fazem parte é, portanto, uma forma de fazer frente a problemas sociais e preconceitos que possam sofrer. Assim, em busca de produzir conhecimento científico e psicológico que amplie a compreensão das questões e dificuldades vividas por adolescentes e, dessa maneira, auxiliá-los em seu processo de desenvolvimento emocional, nosso grupo de pesquisa¹⁷ tem procurado estudar não só questões imaginativas apresentadas pelos próprios jovens, mas também por diferentes grupos que, de alguma forma, são parte de sua vida (BARRETO, 2006; CAMPS, 2009; PONTES, 2011).

Além das pesquisas de campo propriamente ditas, temos produzido artigos que resultam do olhar para produções cinematográficas. Realizadas por personalidades transindividuais (GOLDMANN, 1971), tais produções são compreendidas como forma de expressão de jeitos de ser e pensar, passíveis de ser abordadas desde várias perspectivas (ARÓS; AIELLO-VAISBERG, 2009; BOTELHO-BORGES, 2012; MONTEZI et al., 2013).

No presente trabalho, temos por objetivo investigar psicanaliticamente o imaginário coletivo acerca da experiência emocional vivida por adolescentes, que se encontram diante do desafio de elaborar inúmeros conflitos internos e externos – o que, em grande medida, depende da existência de um ambiente de acolhimento e diálogo.

O adolescente, tal como vem sendo concebido em nossa sociedade atualmente, está num momento de travessia, no qual um grande desafio é a descoberta pessoal. Quem sou? Como ser eu mesmo? Que adulto quero/posso ser? Tais questões, que se apresentam e reapresentam ao longo de toda a vida, colocam-se com especial ênfase nessa fase. “O adolescente está empenhado em descobrir seu próprio eu para que lhe

¹⁷ Grupo de pesquisa da USP/CNPq: Psicopatologia, Psicanálise e Sociedade

possa ser fiel” (WINNICOTT, 1995, p. 157). Esse tema é abordado de forma leve e inteligente na comédia brasileira *Meu tio matou um cara* (2004), dirigida por Jorge Furtado, utilizada como material de pesquisa.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Utilizamos o método psicanalítico para realizar o presente estudo, embasadas pelos pressupostos teóricos de Bleger (1963) e Herrmann (1979), ambos inspirados no pensamento crítico de Politzer (1928). É importante salientar que, articulando psicanálise e dialética, esses autores afastam-se da teorização metapsicológica abstrata, num esforço de estudar seres humanos concretos e compreender sua experiência emocional. No intuito de abordar o imaginário coletivo acerca do adolescente representado na produção cinematográfica, buscamos compreender quais são as crenças, fantasias e imaginações produzidas a respeito de quem são os jovens (AIELLO-VAISBERG; MACHADO, 2008).

O trabalho se desdobra em três momentos diferentes, que juntos configuram o procedimento investigativo propriamente dito. Adotamos, portanto, o Procedimento Ser e Fazer de Acompanhamento de Intervenções Terapêuticas, que foi originalmente concebido para o estudo de sessões e processos de atendimento clínico, mas que se presta igualmente à abordagem de entrevistas de pesquisas e mesmo de produções culturais, cinematográficas, literárias e dramáticas, entre outras (AMBROSIO, 2013). O primeiro é o procedimento de configuração do acontecer humano, correspondente à exposição ao filme selecionado, em estado de atenção flutuante e associação livre, tal como propõe o método psicanalítico – estado, aliás, vigente em todas as etapas posteriores. No caso, escolhemos uma produção cinematográfica brasileira, *Meu tio matou um cara*, que se caracteriza por trazer personagens adolescentes em papéis de destaque.

Num segundo momento, realizamos o procedimento de registro do acontecer, no qual elaboramos uma narrativa transferencial – ou seja, o filme foi reportado de memória, sem a preocupação de elaborar um relato exato da história, mas de registrar o que ficou gravado, bem como as associações despertadas. As narrativas são compreendidas, em nosso grupo, como forma não só de comunicar a experiência vivida,

mas de apresentá-la posteriormente (AIELLO-VAISBERG; MACHADO, 2003; GRANATO; AIELLO-VAISBERG, 2005; GRANATO; RUSSO; AIELLO-VAISBERG, 2009; AIELLO-VAISBERG et al., 2009).

O terceiro momento corresponde ao procedimento de produção interpretativa de campos de sentido afetivo-emocional e/ou inconscientes relativos (HERRMANN,1979; BLEGER,1963), que se dá por meio do debruçar atento sobre a narrativa elaborada. Interpretar psicanaliticamente, nessa linha metodológica, é compreender os campos psicológicos que as condutas manifestas têm como pano de fundo, criando/encontrando e nomeando tais campos, para dialogar com eles à luz de contribuições teóricas pertinentes. Para Bleger (1963) os campos são os contextos relacionais nos quais **todas** as manifestações humanas emergem.

Apresentamos, a seguir, a narrativa transferencial elaborada, bem como o campo de sentido afetivo-emocional criado/encontrado.

A NARRATIVA TRANSFERENCIAL

Segue-se a narrativa psicanalítica que elaboramos após assistir ao filme, no cultivo de atenção flutuante e associação de ideias. Desse modo, buscamos lembrar-nos tanto da história como das sensações, sentimentos e lembranças despertados pela experiência.

Duca é adolescente, estudante, gosta de ouvir música, ver filmes e jogar games de detetive no computador. É filho único e mora com os pais. Perspicaz e muito observador, desconfia que seu tio Eder está mentindo ao ouvi-lo contar que matou o ex-marido da namorada com um tiro, numa briga. Ducatambém percebe que Isa, amiga de infância e colega de classe, se derrete por Kid, melhor amigo de ambos. Nos vários encontros dos três, Duca vai remoendo a inconfessável paixão que nutre por ela.

Mesmo tendo assumido a autoriado crime, alegando legítima defesa, o tio vai preso por ter limpado a arma, sem deixar impressões digitais. Ao saber disso, Duca confirma sua primeira impressão e decide ir visitá-lo na prisão. Em busca de uma aventura, Isa vai junto. Eder pede ao sobrinho que vá ao apartamento da namorada, Soraia, dizer para ela não visitá-lo, o que contribui para que Duca suspeite ainda mais de que o tio havia assumido a culpa do crime para acobertá-la. Isa relata a aventura aos amigos,

aumentando detalhes. Quando Duca a corrige, fica muito brava: “Bom saber que você não confia em mim”. Fecha a cara com ele por um tempo. Ele se acha um idiota por não ter compartilhado aquela mentirinha – afinal, ela estava tão empolgada por estar participando de uma história sua...

Quem vai com Duca ao apartamento de Soraia é Kid. Duca vê vários sinais de que no apartamento há um homem. Confirma sua percepção quando entrevê um braço masculino tatuado atender ao telefone. De volta à escola, Kid também conta aos amigos como Soraia os recebeu e o paquerou. Entusiasmado como quem viveu uma cena de filme, tempera a narrativa com detalhes inventados.

Duca contrata um detetive para fotografar Soraia com o suposto amante, imaginando que, sabendo-se traído, o tio contaria a verdade. Para sua surpresa, quem aparece nas fotos é Kid, numa sequência de cenas sugestivas de que a paquera continuou. Duca não quer mostrar as fotos a Isa, pois ela e Kid a essa altura estão vivendo um romance mais assumido. Ela então briga com Duca, que a seguir envia as fotos a Eder pelo correio. Passa-se algum tempo em que Isa e Kid são vistos juntos, namorando, enquanto Duca fica à distância, até receber um telefonema de Isa pedindo desculpas por tê-lo xingado e dizendo que quer ir à sua casa. Quando ela já está lá, Eder chega diretamente da prisão, contando que responderia ao processo em liberdade. Enquanto faz um discurso sobre uma mudança de vida após um mês preso, tira de uma sacola o envelope enviado por Duca com as fotos e o abre. Fica enfurecido e, aos berros, acaba revelando que, tal como Duca supusera, a assassina era Soraia. Esbravejando, diz que vai a casa dela: “Mato a vagabunda e esse branquelo!” Na confusão, o álbum de fotos fica em cima de uma mesa – Isa o pega e o folheia. Com ódio nos olhos, vai para o quarto de Duca. Ele vai atrás.

– Por que você não quis me mostrar? – ela pergunta.

– Achei que seria humilhante, pra você, ver o Kid com outra mulher. E eu também sou amigo dele. Não seria legal.

Eles tentam localizar Kid. Um dos colegas diz pela internet que ele teria ido limpar uma piscina. Os dois concluem que seria a piscina de Soraia e vão para lá. Eder já tinha chegado ao apartamento e tentado agredir o rapaz que lá estava, mas não se tratava de

Kid e sim do mesmo cujo braço tatuado Duca tinha entrevisto atender o telefone. Soraia diz que é seu irmão. Eder mostra as fotos:

– E esse cara aqui, quem é?

Ela diz ser o rapaz que limpava a piscina e, embaralhando as fotos, conta uma história diferente da que a ordem anterior sugeria, mostrando-se indignada por Eder ter desconfiado dela. Ele pede desculpas e os dois se reconciliam.

Mas o olhar de detetive de Duca sabe qual é a verdadeira sequência das fotos e ele não se deixa enganar. Mais tarde, Kid também nega ter tido algo com Soraia, contando ainda outra história, na qual Duca também não acredita. Tampouco Isa, que é vista ao lado dele numa cena final em que diz ter terminado o namoro.

– Que pena – diz Duca.

Depois de um tempinho Isa sorri e pergunta:

– Você acha pena, mesmo?

Ele ri, diz que não e os dois se beijam.

APRESENTAÇÃO E REFLEXÕES ACERCA DO CAMPO DE SENTIDO AFETIVO EMOCIONAL

A exposição ao filme e à narrativa transferencial, em estado de atenção flutuante e de abertura ao surgimento de ressonâncias contratransferenciais, deu ensejo à produção interpretativa do campo de sentido afetivo-emocional nomeado “Leal a si mesmo”, que se organiza em torno da crença de que a lealdade – aos fatos, aos amigos e a si mesmo – é um ideal valioso.

São diferentes os contextos em que ocorre a mentira no filme – a mais grave envolve nada menos que um crime. Assim, Eder mente para proteger a namorada assassina; Isa e Kid aumentam a história vivida para impressionar os amigos; Soraia altera a ordem das fotos para se reconciliar com Eder e evitar que ele a entregue à polícia. Aparentemente Kid também mente que não teve nada com Soraia. O enredo problematiza a importância de se ponderar sobre cada situação, sugerindo que a lealdade aos fatos deve subordinar-se à lealdade a si mesmo. Ou seja, muitas vezes é preferível ocultar uma verdade a ferir um amigo.

Podemos pensar em diversos aspectos e funções do mentir, como a fabulação e a própria ficção. Dependendo do contexto, uma história inventada não é considerada mentirosa. Tampouco há consenso sobre o que pertence ou não ao mundo do faz de conta. Crianças pequenas costumam levar muito a sério o que se lhes narra e até certa idade são incapazes de distinguir entre realidade e fantasia. Parecem perceber que há verdade nos mitos, muito embora frequentemente se empregue a palavra mito como sinônimo de mentira. Afinal, assim como os sonhos, toda história fantasiosa, inclusive o delírio psicótico, conta algum tipo de verdade – uma verdade interna, por assim dizer. Em “Duas mentiras infantis”, de 1913, Freud sugere que mentiras podem ocultar desejos (FREUD, 1990). Assim, mentira nem sempre é sinônimo de falsidade.

Winnicott sugere que a mentira, como manifestação de uma tendência antissocial, seria, ao lado de outras condutas como o roubo e a incontinência, uma espécie de pedido de socorro, uma expressão de que algo precisa ser reparado, pois algum grau de privação da vida familiar ocorreu. “A criança que furta um objeto não está desejando o *objeto roubado, mas a mãe, a quem ela tem direitos.*” (WINNICOTT, 1995, p. 132).

A mentira é um tema muito discutido no campo psicanalítico. Como comenta Mello Filho (2003, p. 48.): “Para Bion, a psicanálise é mesmo a ‘ciência da verdade’. Para Winnicott a busca da verdade própria de cada um, naquilo que ele chamou de verdadeiro *self*, é uma das metas básicas da psicanálise.”

Metaforicamente, podemos pensar na trajetória de Duca como um movimento em direção ao amadurecimento, pautado pelo *self* verdadeiro (WINNICOTT, 1960/1990, p. 135): uma busca de ser leal a si mesmo.

Podemos ver adolescentes (...) em busca de uma forma de identificação que não os decepcione em sua luta, a luta por sentirem-se verdadeiros, a luta para não se encaixarem num papel determinado pelos adultos (...). Sentem-se verdadeiros só na medida em que recusam falsas soluções; e sentirem-se não verdadeiros leva-os a fazerem certas coisas que só são verdadeiras do ponto de vista da sociedade. (WINNICOTT, 1995, p. 157-158).

Nosso olhar sobre esse filme apresenta, portanto, um imaginário coletivo a respeito do adolescente em processo de descoberta pessoal, às voltas com as questões da lealdade, do mentir e da busca de ser verdadeiro. Segundo esse imaginário, os jovens transitam entre verdades e mentiras em diferentes situações, e são toleradas, ou adotadas como a melhor escolha possível, algumas inverdades e omissões que não causam danos ou até protegem o próximo. Assim, enquanto quase todos à sua volta mentem, o personagem principal os observa e se comporta como uma espécie de guardião da verdade, desejando que se revele sempre – a menos que isso magoe seus amigos. Nesse caso, o rapaz mostra-se leal a seus princípios e flexível para ponderar diversos aspectos envolvidos num contexto. A crença de que a lealdade vale a pena é coroada pelo final feliz, em que o mocinho conquista sua amada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L. A alma, o olho e a mão: estratégias metodológicas de pesquisa na psicologia clínica social winnicottiana. In: AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; AMBROSIO, F. F. (Org.). *Trajetos do sofrimento e recriações de sentido: Cadernos Ser e Fazer*. São Paulo: IPUSP, 2003.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L. Pesquisa psicanalítica de imaginários coletivos à luz da Teoria dos Campos. In: MONZANI, J.; MONZANI, L. R. (Org.). *Fabio Herrmann: uma viagem psicanalítica*. São Carlos: Pedro e João; UFSCar, 2008.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L.; AYOUCHE, T.; CARON, R.; BEAUNE, D. Les récits transférenciels comme représentation du vécu clinique: une proposition méthodologique. In: BEAUNE, D. (Org.) *Psychanalyse, philosophie, art dialogues*. Paris: L'Hartmann, 2009.
- AMBROSIO, F. F. *O estilo clínico 'Ser e Fazer' na investigação de benefícios clínicos de psicoterapias*. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2013.

- ARÓS, A. C. S. P. C.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Clube da luta: sofrimentos radicais e sociedade contemporânea. *Psicologia Teoria e Prática*, São Paulo, v. 11, p. 3-16, 2009.
- BARRETO, M. A. M. Do voo preciso: considerando o imaginário coletivo de adolescentes. 2006. 197 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia como Ciência e Profissão, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, 2006.
- BLEGER, J. (1963) *Psicologia da Conduta*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- BOTELHO-BORGES, A. de A. Vidas congeladas: um estudo psicanalítico sobre violência e puberdade. In: JORNADA APOIAR: LABORATÓRIO DE SAÚDE MENTAL E PSICOLOGIA CLÍNICA SOCIAL, 10., 2012, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2012.
- CAMPS, C. I. C. de M. O ser e fazer na escolha profissional: atendimento diferenciado na clínica winnicottiana. 2009. 204 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- FREUD, S. (1913). Dos mentiras infantis. In: *Obras completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. V. 12, p. 321-327.
- GIOVANNETTI, A. Teoria dos Campos, uma psicanálise sem dentro e fora. In: BARONE, L. (Org.). *O psicanalista: hoje e amanhã*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- GOLDMANN, A. Cinéma et société moderne – Le cinéma de 1958 a 1968: Godard, Antonioni, Resnais, Robbe-Grillet. Paris: Anthropos, 1971.
- GRANATO, T. M. M.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Tecendo a clínica em narrativas psicanalíticas. *Mudanças*, São Bernardo do Campo, v. 12, n. 2, p. 253-271, 2005.
- HERRMANN, F. *O método da psicanálise*. São Paulo: EPU, 1979.
- MELLO FILHO, J. *Vivendo num país de falsos selvas*. Casa do Psicólogo: São Paulo, 2003.
- MONTEZI, A. V.; BARCELOS, T. F.; AMBRÓSIO, F. F.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Linha de passe: adolescência e imaginário em um filme brasileiro. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 74-88, 2013.
- POLITZER, G. (1928). *Crítica dos fundamentos da psicologia*. Piracicaba: UNIMEP, 1998.
-

PONTES, M. L. “A hora H”: O imaginário coletivo de profissionais de saúde mental sobre a adolescência. 2011. 120 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia como Ciência e Profissão, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, 2011.

WINNICOTT, D.W. Desenvolvimento emocional primitivo. In:_____. *Da pediatria à psicanálise: textos selecionados*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1945. p.269-285.

_____. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

WINNICOTT, D. W. (1960).Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro “self”. In: _____.*O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento humano*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p. 128-139.